

COMO LINGUAGEM, LÍNGUA E FALA SE OPÕEM E SE COMPLETAM

Léa Cutz Gaudenzi

Do Curso de Pós-Graduação de Lingüística

Iniciaremos o trabalho, estabelecendo as oposições, com uma afirmação de Robert Godel (1).

"Saussure partiu de uma dúvida radical e advertiu que na fala humana não há um objeto definido que servisse para análises e observações: só existe um fenômeno extremamente complexo que entrelaça processos físicos e psicológicos, liberdade individual e coerção social, câmbio e estabilidade — fenômeno desta natureza não se apresenta possível de ser classificado ou descrito, portanto o primeiro passo científico seria estabelecer as distinções.

Sua maior preocupação era a de transformar a teoria da linguagem em um molde rígido de um tratado matemático. Mas como se defrontou com o problema da fala humana, sentiu que deveria primeiro usar sua própria capacidade de abstração a fim de separar os diversos aspectos do fenômeno e alcançar seu nível mais profundo'.

Fica claro, desta maneira que por uma questão de método, para que a lingüística delimitasse seu objeto foi preciso isolar entre os elementos que constituem a linguagem, a língua, tomando-a como norma de todas as outras manifestações da linguagem.

Mesmo sabendo-se que a relação existente entre linguagem, língua e fala se estabelece como um módulo pendular, onde ora a natureza, ora a concretização se diferenciam, chega-se ao ponto em que a relação torna-se círculos concêntricos como será mostrado no final do trabalho. Desta forma tem-se: Linguagem como capacidade psíquica inerente ao homem que lhe permite a comunicação. Portanto congênito. Língua como um produto social, um conjunto de convenções, é para Saussure, ainda que essencial, apenas uma das partes da linguagem. Fala como ato individual da vontade e da inteligência, como concretização da língua forma a outra parte da linguagem.

Saussure preocupou-se em definir amplamente cada um dos termos podendo ser depreendido, num primeiro lance, a linguagem como algo primordial; a língua como um elemento essencial, porque será o objeto mesmo da lingüística; e a fala, aquilo que é real-concreto.

Especificando cada um dos termos tem-se que, enquanto a linguagem é multiforme, heteróclita, congênita, a língua como instrumento de comunicação é código de uma mesma comunidade. Ao contrário da linguagem, a língua é um princípio em si mesma. É adquirida e convencional. É esta que faz a unidade daquela.

Por isso mesmo, o conjunto global da linguagem (sistema virtual) não é cognoscível, ao passo que a língua objeto de natureza concreta, distinta da fala, pode ser estudada em separado. Como diz Saussure ela (a língua) é um tesouro, depositado pela prática da fala nos indivíduos e existe, virtualmente, em cada cérebro, como um sistema gramatical.

Embora no Cours, Saussure usasse, às vezes, o termo linguagem quando está falando de língua, confundindo, assim, cada conceito, não podemos insistir nesta confusão se apanharmos na página 51 a língua alda que essencial não é mais do que uma das partes da linguagem.

Outra parte, a fala é a concretização da língua e mantém com esta o mais estreito vínculo. É a soma do uso que cada indivíduo faz da língua combinações individuais dependentes da vontade do falante, atos de fonação voluntários, criação-ídioteleto.

Se a língua é dinâmica, a fala é o próprio móvel deste dinamismo, pois é esta que faz a língua evoluir.

Uma oposição que se faz baseada na dicotomia social / individual é que a língua não existe perfeitamente a não ser na massa, no coletivo e nisso guarda um pouco de abstrato igual a linguagem, enquanto sistemas virtuais — fala existe para cada indivíduo isoladamente. A língua como sistema virtual é mais do que a soma de cada uma das falas. A língua não é uma função do sujeito falante, é o produto que o indivíduo registra passivamente e atualiza no ato da fala.

Na dicotomia língua / fala sempre teremos estes dois elementos: individual / social; parcela / produto como constituintes básicos, remetendo o um para todo e o todo para o um — como sempre.

Tanto a língua como a fala enquanto atualização de um sistema anterior são objetos de natureza concreta. Mas, a língua não pode ser concreta se não se apoiar em nenhum indivíduo, por isso dissemos acima que ela existe como sistema virtual, abstrato. Em relação a lingüística cada uma ocupa lugar distinto, uma vez que a fala só interessa no momento em que se relaciona com a língua — na dialética que não permite despoliarizá-las.

Colocando, finalmente, linguagem / língua / fala sobre um eixo temporal poderíamos dizer da primeira que é perene; da segunda, constante e da terceira, momentânea.

Trata-se, agora de ver como os mesmos elementos-temas se completam.

O estudo da linguagem comporta duas partes. Uma essencial que tem por objeto a língua (psíquica e social); a outra secundária, tendo por objeto a parte individual, isto é, a fala (fonação e psicofísica).

A língua é psíquica enquanto sistema que possuímos, virtualmente no cérebro, mas sua natureza social a torna por outro lado um sistema abstrato pré-existente, exterior ao indivíduo.

Então, já como dois constituintes (língua / fala) de um mesmo objeto temos a primeira complementariedade de âmbito bastante generalizante. Na prática a língua (código) é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos seus efeitos. Mas, a fala é necessária para que a língua se estabeleça. Por outro lado, é no momento da utilização da língua que o sujeito falante é levado a modificar ou a introduzir novos meios de expressão: a fala é a força motriz que faz a língua evoluir.

Se nos detivessémos, apenas, na dicotomia língua / fala como dois lados da linguagem, poderíamos individualizá-las tanto a ponto de cada uma adquirir um valor absoluto. Mas, Saussure diz: “há, portanto, interdependência entre a língua e a fala; aquela é ao mesmo tempo, o instrumento e o produto desta”.

Como se expressa Leroy, “assim, a língua, sistema abstrato que é um bem social, e a fala, conjunto de realizações concretas que são do tipo individual, estão inseparavelmente unidas” (pg. 80).

A língua é a parte social da linguagem exterior ao indivíduo que por si só não pode nem criar-se, nem modificar-se.

E neste ponto chegaríamos ao mutável e imutável. Estes dois fatores que se prendem ao signo lingüístico — base da língua — estabelecem também sobre o eixo histórico-temporal a relação da língua com a fala.

Pela imutabilidade, tem-se que a massa é impotente para transformar a língua; e pela mutabilidade temos que a “língua é radicalmente incapaz de defender-se contra os fatores que atuam sobre a relação significante / significado (inclusive através da fala).

Pode-se objetar que a língua como sistema não muda uma vez que os deslocamentos provocados pela fala não se dão em toda a extensão do sistema e que quando chega a alterar toda uma estrutura estamos diante de uma nova língua e portanto de um novo sistema.

Mas, diacrônicamente, a constância do uso da língua por todos e a todo momento faz com que ela sofra sem cessar a influência de todos. Podemos dizer que a dinâmica não é tacitamente percebida, mas Saussure demonstrou bem que ocorre.

Inseriu-se, aqui, uma outra dicotomia sincronia / diacronia que trabalham da mesma forma com a relação língua / fala.

Assim, resta tramar os fios para obter-se o tecido. “Do ponto de vista de Benveniste, a linguagem é a expressão simbólica por excelência e todos os outros sistemas de comunicação são dela derivados e a supõem. Se o ciclo das disciplinas semióticas é mais próximo a abarcar a lingüística, o círculo concêntrico subsequente, mais amplo, é a totalidade das disciplinas da comunicação (II).

Retomando, nos interessa, aqui, ressaltar o papel central que a linguagem ocupa no enunciado acima, isto porque como capacidade inerente ao ser humano, ela existe como sistema virtual. Sua atualização será feita através da língua, e cabe a fala concretizar a língua. Estabelece-se, assim, novo ciclo concêntrico, sendo que a relação dada por Saussure entre linguagem / língua / fala serve de base para a formação de Jakobson.

O signo lingüístico como base de pensamento é o suporte para tal estruturação.

Observamos, em seguida, que representação mental (sgdo) e imagem acústica (agte) são dois lados de uma mesma coisa (o signo lingüístico). Na língua não podemos isolar o som do pensamento, nem o pensamento do som. A fala e a língua são também dois lados de uma mesma coisa — a linguagem.

Ficam, então, estabelecidas as identidades, as ligações íntimas que asseguram a unidade estrutural da lingüística.

APRECIAÇÃO CRÍTICA

Na leitura do Curso de Lingüística surge alguma dificuldade na delimitação de alguns conceitos. Segundo Robert Godel a distinção entre língua e fala não aparece explicitamente antes de 1906-1907 (época de 1.º curso), ao passo que desde 1894 tinha nítida a idéia de sincronia e diacronia.

Percebe-se que confusões do uso de linguagem por língua e vice-versa são ao longo delineadas através da conceituação de outros elementos. (como por ex. signo, linearidade, valor, etc.).

Tomemos a página 46 quando Saussure começa a definir o objeto da lingüística.

“... como a **linguagem** não está a mais das vezes ao alcance da observação, o lingüista terá que levar em conta textos escritos”...

Aqui se estabelece pela 1.ª vez a flutuação entre língua e linguagem. O que o autor queria dizer é que para o linguista estudar **línguas** extintas teria que levar em conta textos escritos.

Logo abaixo encontramos:

“... a tarefa da lingüística será fazer a descrição e a história de todas as **línguas**” ... , desta vez língua já com o sentido que vai ser delimitado mais adiante na obra.

No Capítulo III, onde trata do objeto da lingüística Saussure oscila, ainda entre língua e linguagem. Na pag. 50.

“... é o som que faz a linguagem? Não, este não é mais do que instrumento de pensamento e não existe por si mesmo. Aqui surge uma nova e formidável correspondência: o som, unidade complexa acústico-vocal, forma por sua vez com a idéia uma unidade complexa, fisiológica e mental. E mais.

— a linguagem tem um lado individual e um lado social, e não se pode conceber um sem o outro.

— em cada instante a língua implica em um sistema estabelecido e uma evolução...

Quando define o signo através da unidade complexa fisiológica (som) e mental (idéia) está fazendo ao mesmo tempo a colocação língua e fala no todo linguagem. Neste momento linguagem é aquilo que virá a ser definido como capacidade inerente ao ser humano, mas nos outros dois trata-se na realidade de problemas da língua.

É quando define língua que separa os conceitos claramente (pg. 51).

Para nós, a língua não se confunde com a linguagem: a língua não é mais que uma determinada parte da linguagem, ainda II que essencial.

Interessa-nos repetir, ainda, do exemplo da pg. 50 aquilo que foi idéia base da segunda parte do trabalho, significante e significado como dois lados de uma mesma coisa — signo lingüístico; língua e fala como duas partes de uma mesma capacidade psíquica: linguagem articulada.

Apesar das dificuldades, apesar da concepção saussuriana da gramática com uma descrição de paradigmas por uma parte e sintagmas por outra continuar num plano teórico, o Cours é orgânico e coerente.

Saussure conseguia alicerçar a lingüística do século XX, conceituou de forma inusitada a linguagem e apresentou, o que me parece mais importante um trabalho que apontou aspectos a serem desenvolvidos e outros que de forma mais definitiva foram colocados.

Por ser curso de lingüística geral lançar problemas como o da fala e não levá-lo as últimas conseqüências é de todo certo. O problema do significado corresponde ao estudo da fala (o que Barthes procura fazer nos Elementos de Semiótica) e neste aspecto Saussure nunca tocou porque lhe interessava mais a busca de um método científico, que encontrou na divisão sincronia e diacronia, com base ainda em seus estudos do Indo-europeu.

BIBLIOGRAFIA:

I — Godel, Robert — **La Teoría del lenguaje de Ferdinand de Saussure**, in Curren in Linguistic, III, 1966.

II — Jakobson, Roma **Lingüística, Poética e Cinema**, Coleção Perspectiva.

III — Saussure, Ferdinand — **Curso de Lingüística General**, Editorial Losada S/A., 1967.